

A HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER

Eliane Avelar Sertorio OCTAVIANI*

INTRODUÇÃO

Nascido na cidade de Messkirch em 26 de setembro de 1889, região tradicionalmente católica de Baden, no sudoeste da Alemanha, Martin Heidegger estudou teologia e filosofia. Aluno de H. Rickert, laureou-se em filosofia em 1914 com uma tese sobre A Doutrina do Juízo no Psicologismo. Em 1916, como tese de habilitação ao ensino universitário, publicou A Doutrina das Categorias e do Significado em Duns Escoto, quando na introdução refere-se às dificuldades de conciliar a competência do historiador com o dom de verdadeira penetração filosófica, capaz de revalorizar o material descoberto. Embora não se identificasse plenamente com as concepções escolásticas correntes, Heidegger demonstra uma preocupação constante em aperfeiçoá-las e atualizá-las, visto considerar-se membro da mesma família espiritual, o que é demonstrado nas obras **Duns Escoto e Kant und Aristoteles**.

Quando Husserl foi chamado a ensinar em Friburgo, Heidegger o seguiu como assistente. Professor por alguns anos na Universidade de Marburgo, em 1929, Heidegger sucedeu Husserl na cátedra de filosofia em Friburgo, dando sua aula inaugural sobre **O que é a Metafísica?** Desse mesmo ano é o ensaio **Sobre a Essência do Fundamento**, bem como o livro **Kant e o Problema da Metafísica**.

Rompendo as estreitezas de uma ciência das ciências, Heidegger mergulha nas profundezas da própria experiência, dando um passo decisivo para a renovação da Metafísica, como pensar do próprio ente no seu ser e as conseqüências desta atitude se farão sentir plenamente a partir de **Sein und Zeit**,

quando ele tentará emancipar o pensar da interpretação que lhe impôs a Lógica, entender a linguagem sem a Gramática, a arte sem a estética, e reivindicará para a História uma noção fundada na análise fenomenológica da própria historicidade da existência humana. A publicação desse seu trabalho fundamental ocorre em 1927. A obra seria seguida de segunda parte, que, no entanto, não apareceu mais, já que os resultados alcançados na primeira parte impediam o seu desenvolvimento.

Ser e Tempo é dedicado a Husserl: Heidegger afirma que trabalha com o método fenomenológico, ainda que a sua filosofia seja bem diferente da de Husserl, como constataremos em breve.

A HERMENÊUTICA DE HEIDEGGER

Heidegger desenvolveu uma das definições modernas de hermenêutica, quando, ao tratar do problema ontológico, empreendeu um estudo fenomenológico da presença quotidiana do homem no mundo, o qual designou em sua grande obra, **Ser e Tempo**, como a hermenêutica do Dasein. O traço fundamental da consciência humana é para Heidegger a compreensão do ser, com isto, a análise fenomenológica é transformada em Hermenêutica, já que a verdade, como compreensão e manifestação do sentido do ente e do seu ser, é um modo do ser do eis-aí-ser, deixando de ser uma ciência ou regras de interpretação textual.

Heidegger emprega para designar o fenômeno da compreensão do ser a expressão eis-aí-ser (Dasein). O vocábulo alemão "Dasein" significa "existência", seja no sentido mais geral do fato de ser, de existir, seja na acepção mais

(*) Mestranda em Direito Processual Civil pela PUC-Campinas.

peculiar de existência ou vida humana. Para Heidegger, se o ente no seu todo está patente de algum modo, o compreender tematiza apenas este ora aquele ente, de modo que o resto do ente e o seu ser ficam apenas implicitamente descobertos. O ser do ente é justamente aquilo que precede e acompanha a manifestação do ente, mas apenas implicitamente, de tal modo, que é possível explicar a sua compreensão.

O PAPEL DA FENOMENOLOGIA

O papel da Fenomenologia e, em geral, da Filosofia, consiste, segundo Heidegger, em tematizar a compreensão do ser em geral e dos seus diversos modos e variedades. A idéia da Fenomenologia nada tem que ver com a atitude ingênua de uma contemplação casual e despreocupada; o encontro com o ser e as estruturas ontológicas do ente requer uma cuidadosa determinação do ponto de partida da análise, pois o compreender humano não é absoluto; ao mesmo tempo que manifesta, ele oculta também o ente e esse é um dos pontos divergentes de Heidegger em relação a Husserl, que havia negligenciado o elemento da finitude histórica do compreender.

A fenomenologia é a tentativa de resgate do contato original com o objeto perdido em sofisticadas especulações abstratas ou em reduções matemáticas e quantificadoras do campo de vivência do ser humano, enquanto ser cognoscente. Ela tem uma história, porém, ela sempre tem que começar de novo porque não se contenta com os conhecimentos descobertos e guardados no passado visando em primeiro lugar à compreensão nova e atual. Brentano e Husserl podem ser identificados como precursores e fundadores da Fenomenologia e Heidegger e Merleau-Ponty, por exemplo, como continuadores.

O distanciamento faz o homem compreender decifrando as coisas que o circundam e isso se torna uma descrição do ser do mundo e das características do homem nos seus três sentidos: decifração do ser do Dasein; "ek-siste", tirar do esquecimento aqueles momentos privilegiados da existência humana e a decifração do logos,

A primeira incidência da finitude do homem sobre o seu compreender é a necessidade de pressupor; criando uma tríplice suposição que

comanda a determinação do sentido das coisas. Todo compreender se exerce num horizonte pré-determinado, que condiciona também a exposição do compreendido. A estrutura pressupositiva do compreender de qualquer fenômeno exerce-se, antes de tudo, dentro de um contexto previamente revelado. Além disso, compreender implica um ponto de vista prévio, em função do qual o fenômeno há de manifestar-se e ser tematizado.

Husserl pensava que seria possível atingir a própria coisa de um ponto de vista absoluto, afastando a necessidade de presença de todos os pressupostos para construir uma ciência filosófica. Ao reverso, para Heidegger, não se trata de prescindir dos pressupostos, mas de se dar conta da necessidade de fazê-los, para assim, poder escolher os autênticos, em vez de assumir cegamente aqueles que são apresentados pelo público. Com isto Heidegger transforma a análise fenomenológica em hermenêutica, encontrando a perspectiva original dentro da qual o ser do ente pode manifestar-se na sua plena verdade; entretanto, já que a verdade, como compreensão e manifestação do sentido do ente e do seu ser, é um modo de ser do "Dasein", é pela análise deste que se desenvolverá a questão fundamental do sentido de ser.

CONCLUSÃO

Heidegger posteriormente constatou que o verdadeiro resultado de **Ser e Tempo** foi o fracasso da Ontologia fundamental como Analítica existencial; o sentido do ser não pode ser determinado a partir de uma análise do ser do eis-aí-ser. O fracasso da Ontologia fundamental foi indispensável para que seguindo até o fim a linha de pensar metafísico, seria possível para Heidegger executar a meia volta do pensar. O sentido do ser não poderia ser condicionado pela compreensão do ser; ao reverso, é o ser que determina o destino do pensar humano; portanto, houve aí o abandono e substituição da filosofia transcendental, por um pensar que se dedica, sem intermediário algum, ao próprio ser, deixando esse novo pensamento de ser uma Ontologia, visto que não acontece como transcendência do eis-aí-ser para o ser.

BIBLIOGRAFIA

BLEICHER, Hermenêutica Contemporânea: Lisboa, Edições 70.

GREVEL. Marcelo da Veiga, O problema da fundamentação do conhecimento, uma abordagem fenomenológica.

Revista da Universidade Federal de Santa Catarina.

MACDOWELL. João Augusto A. Amazonas, A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger: São Paulo, Editora Herder, 1970.

PALMER. Richard E, Hermêutica: Lisboa, Edições 70.